



AS EXPERIÊNCIAS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA-UNIPAMPA, CAMPUS SANTANA DO LIVRAMENTO, EM TEMPOS DE PANDEMIA POR COVID-19: DESAFIOS E DES(ENCONTROS).

SABRINA CHAVES DE LOS SANTOS
Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)
sabrinachavesds@hotmail.com

SEBASTIÃO AILTON DA ROSA CERQUEIRA ADÃO
Universidade Federal do Pampa
sebastiaocerqueira@unipampa.edu.br

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar as experiências e desafios vivenciados pela Universidade Federal do Pampa- Unipampa - no que tange ao Ensino Remoto Emergencial em tempos de Pandemia da COVID-19. Para tanto, foi realizado um estudo de caso, tendo como unidade de análise o campus de Santana do Livramento. Com este estudo do tipo descritivo e de cunho qualitativo que teve o uso de entrevistas semiestruturadas, análise de documentos e observação participante como instrumentos de coleta de dados e sua posterior análise, foi possível identificar os elementos presentes e percebidos pelos agentes envolvidos no processo assim como também os seus efeitos no retorno as atividades presenciais. Destacase o fato de que o Ensino Remoto Emergencial causou consideráveis transformações e alguns aspectos excludentes se tornaram ainda mais visíveis, como a desigualdade social, tecnológica e econômica. Contudo, conclui-se que por maiores que sejam as desigualdades presentes em nossa sociedade, o ensino remoto abriu precedentes para novas formas de aprender, ressignificar e descobrir um mundo de oportunidades, diante da amplitude e complexidade que representa a educação.

Palavras chave: Ensino Remoto Emergencial; Pandemia, Experiências; Desafios, Universidade Federal do Pampa.

1. INTRODUÇÃO

A Educação, assim como muitos outros ramos de atividades, foi afetada pela pandemia causada pelo Covid-19 no ano de 2020. No mundo todo foram adotadas algumas medidas de controle da disseminação do vírus, dentre elas o isolamento social. Inicialmente, tratava-se de uma restrição temporária e breve. Diante do cenário, a maior parte dos segmentos precisou realizar adequações no intuito de dar continuidade a oferta tanto de produtos quanto de serviços. E com a Educação não foi diferente, o distanciamento físico entre as pessoas, sendo um dos protocolos de segurança exigidos pelos governos, requereu das Instituições de Ensino a proposição de novas formas de fazer ensino. Certamente, um grande desafio imposto para a continuidade das atividades educacionais.

Logo, se propôs uma adaptação emergencial do Ensino Presencial para o Ensino Remoto. Para tanto, a aplicação desta decisão implica um bom planejamento, a adoção de ferramentas tecnológicas, a formação dos docentes, a democratização, enfim, garantir a oferta de ensino público dentro das condições mínimas de acesso e qualidade para todos.

Embora o Ensino a Distância, já viesse em uma crescente constante, sobretudo no Ensino Superior, a nova proposta de ensino denominada de Ensino Remoto Emergencial - ERE, apesar de muito próxima, não pode ser confundida com o EaD, tampouco entendida como sinônimo deste. É preciso explicitar que a maior parte das instituições educacionais não fez Ensino a Distância, mas sim Ensino Remoto Emergencial, que mesmo se chamando emergencial perdurou em torno de 18 meses, sendo que as instituições públicas de ensino superior foram retomando à presencialidade a partir de abril de 2022 e as instituições públicas de ensino fundamental e médio, a partir de março de 2022.

Frente aos processos de transformação que foram impostos de forma repentina, merece destaque o papel dos docentes que precisaram reinventar e reformular o seu fazer pedagógico.

Outro ponto que merece atenção nesse contexto é o fato real de que nem todos possuíam condições de acesso às ferramentas tecnológicas necessárias para sua inclusão e desempenho satisfatórios nesta modalidade de ensino remoto emergencial, fala-se aqui tanto de professores, quanto de alunos que foram, em algum momento, vítimas da exclusão tecnológica.

Segundo Wandscheer (2020), pode-se compreender que a educação na realidade é um ambiente de reinvenção, em que os principais atores, assumem papéis nunca vistos antes e dessa forma, reforça-se a ideia surpreendente de que o ensino remoto passou a ser, não apenas desafiador, mas inovador, em que os docentes tornam-se os eminentes protagonistas neste cenário.

Nesse contexto, o presente estudo tem o intuito de apresentar um panorama para análise e propor uma reflexão, desde a perspectiva educacional e formativa, sobre a experiência de continuidade das atividades acadêmicas de forma remota em uma Universidade Federal Brasileira. Cabe informar que, de acordo com dados do Ministério da Educação - MEC (2020), de 21 de maio de 2020, das 69 universidades federais brasileiras, 56 estavam com as atividades acadêmicas de graduação totalmente suspensas e 13 estavam com atividades na graduação funcionando parcialmente ou totalmente.

A Universidade Federal do Pampa - Unipampa, que será a instituição utilizada como objeto de estudo, é uma Universidade multicampi localizada em dez cidades da metade sul do estado do Rio Grande do Sul sendo: Alegrete, Bagé, Caçapava do Sul, Dom Pedrito, Itaqui, Jaguarão, Santana do Livramento, São Borja, São Gabriel e Uruguaiana. Suas atividades presenciais nos cursos de graduação foram suspensas em meados de março, quando se deu início à pandemia no Brasil e retornaram, de forma remota no mês de setembro de 2020. As condutas apresentadas e adotadas pela Universidade no que diz respeito à oferta e continuidade da prestação de ensino, pesquisa e extensão, à comunidade de forma remota

perduraram por dois anos. No final do mês de abril, do corrente ano, com a estabilidade da pandemia foi possível a retomada das atividades acadêmicas de forma presencial.

Portanto, é momento de reavaliar o processo vivenciado, realizar uma prática reflexiva, com o intuito de identificar os maiores obstáculos e oportunidades advindos de uma experiência posta de forma tão repentina e forçosa.

Assim sendo, este estudo buscará responder a seguinte questão: **Quais as experiências e os desafios vivenciados pela Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA no que tange ao Ensino Remoto Emergencial em tempos de Pandemia pelo COVID-19?**

1.2 Objetivo Geral

Analisar quais as experiências e desafios vivenciados pela Universidade Federal do Pampa – Unipampa no que tange ao Ensino Remoto Emergencial em tempos de Pandemia da COVID-19.

1.2.1 Objetivos Específicos

a) Elucidar a compreensão entre os conceitos de Ensino a Distância, Ensino Remoto Emergencial e Ensino Híbrido e suas práticas na Unipampa – Campus Santana do Livramento;

b) Elencar os desafios impostos à Unipampa – Campus Santana do Livramento em tempos de pandemia e na retomada da presencialidade.

c) Apresentar indicadores de Evasão e retenção de discentes nos cursos superiores presenciais de Administração, Ciências Econômicas e Gestão Pública do Campus Santana do Livramento no período de pandemia por Covid-19.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Organiza-se o capítulo da seguinte forma: Conceitos gerais sobre Ensino a Distância, Ensino Remoto Emergencial e Ensino Híbrido. Na sequência são abordados, Os desafios impostos pela pandemia em Instituições de Ensino Superior e por fim, é apresentado um panorama referente aos índices de evasão e retenção presentes até o dado momento em Instituições Públicas de Ensino Superior resultantes do tempo de pandemia vivenciado.

2.1 CONCEITOS DE ENSINO A DISTÂNCIA, ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E ENSINO HÍBRIDO.

Conforme apresentado neste estudo, as diversas restrições impostas no ambiente educacional em virtude da Covid-19, desde o início do ano de 2020, levou as instituições de ensino a reformulações e adaptações na tentativa de minimizar os impactos da pandemia na educação. Frente à situação de emergência, o ensino presencial precisou ser transposto para os meios digitais a fim de garantir a continuidade deste de forma segura para todos.

Importante ressaltar que antes da adoção de novas formas de conduzir o ensino em tempos de pandemia, algumas metodologias de ensino já existiam de forma legal e consolidada, como o EaD, por exemplo. Outras estão em andamento e processo de experiência, os casos do Ensino Remoto Emergencial, adotado pela maior parte das Instituições de ensino Superior do país. Quanto ao Ensino Híbrido, existem algumas referências bibliográficas que abordam essa temática, no entanto novas contribuições estão surgindo frente ao presente cenário.

Diante do exposto, algumas reflexões vêm à tona, como por exemplo, a aceleração de determinadas transições na prática educacional, que já estavam acontecendo, mas que de forma repentina foram introduzidas e apresentam tendências de perdurarem por um longo período. Frente a tantas mudanças, algumas dúvidas e equívocos acerca de termos conceituais entre EaD, ERE e EH surgem frequentemente, e se faz necessário esclarecê-las.

2.2 OS DESAFIOS IMPOSTOS PELA PANDEMIA EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO PÚBLICO SUPERIOR.

No Brasil, além da crise sanitária, várias outras circunstâncias desfavoráveis foram geradas em decorrência da pandemia causada pelo Covid-19. Pôde-se observar, de uma forma geral, a falta de planejamento em termos governamentais para situações de calamidade pública e no tocante à Educação evidenciou-se o reflexo desse contexto. A exemplo disso pode-se explicitar o fato de que mesmo as Universidades Públicas Federais tendo uma ferramenta de planejamento institucional (PDI), evidenciou-se no momento de excepcionalidade, a não existência de um plano de contingência que seja capaz de lidar com a

crise causada pela pandemia, nem nas Universidades Federais, nem no Ministério da Educação (MEC), e que, até o momento, sequer dispõe de um Gabinete de Gestão da Crise causada pela Covid-19, que possa orientar as universidades públicas, por meio de procedimentos e de rotinas padronizadas.

Cavalcanti e Guerra (2019, p. 704) afirmam que:

O PDI é um instrumento de planejamento e gestão, que estabelece a identidade da IES, levando em consideração sua filosofia de trabalho, a missão e as estratégias para atingir as metas e objetivos planejados. Abrange, também, os aspectos da estrutura organizacional e do Projeto Pedagógico Institucional, buscando a observância das diretrizes pedagógicas que orientam as ações, atividades acadêmicas e científicas que já desenvolve, ou planeja desenvolver.

O fator acima mencionado junto à conjuntura apresentada pela pandemia e suas inúmeras consequências causaram significativos desafios para a educação superior que mesmo em meio ao cenário difícil e incerto continuou unindo esforços na busca da oferta de um ensino público superior visando sua acessibilidade e qualidade.

2.2.1 A Educação Remota no Ensino Superior Público.

Adotar o ERE foi a principal resposta institucional assumida pelas universidades públicas brasileiras em resposta aos desafios e às necessidades impostas pela pandemia da Covid-19. Contudo, a premissa para o desenvolvimento e andamento do ERE foi o acesso à internet de todos os envolvidos no processo educacional, entre outras variáveis intrínsecas nesse contexto.

Segundo Castioni et al, 2021, do ponto de vista da instituição, a garantia de acesso à internet e aos equipamentos necessários aos técnicos e docentes, bem como a formação docente e discente; questões de criação, suporte e manutenção de ambientes virtuais, a gestão do conhecimento, do monitoramento e da avaliação das ações de ensino-aprendizagem; a criação de informações novas sobre os novos processos; o gerenciamento das questões jurídico-administrativas que possibilitem e legitimem o uso do ERE; tornaram-se questões essenciais para a sobrevivência institucional.

Todavia, do ponto de vista discente, além do acesso à internet, a abertura e a disponibilidade para novos aprendizados, novo ritmo de trabalho e cultura organizacional, assim como o reconhecimento dos próprios limites relativos ao aprendizado de tantas novas questões, envolvendo todas as dimensões da própria vida, como por exemplo, as dificuldades financeiras oriundas da própria crise econômica nacional e a sobrecarga de tarefas pessoais e profissionais dividindo o mesmo ambiente tornam a relação com o ERE mais desafiador.

Cavalcanti e Guerra, 2022, em seu estudo intitulado, Os desafios da Universidade Pública pós-pandemia da Covid-19: o caso brasileiro, afirmam o seguinte:

“Sabe-se que o Ensino remoto é mais desafiador para o docente, inclusive, porque nessa modalidade não é possível replicar os horários do Ensino presencial. A dinâmica de aprendizado é mais complexa, e tal novidade causa, primeiro, resistência, e, em seguida, negação, porque, o que ocorre é que os docentes, em sua maioria, têm pouca intimidade com as TICs, necessitando, portanto, de capacitação.”

Nesse sentido, é evidente que a rápida transposição do ensino presencial para o ensino remoto não foi uma opção tranquila para uma parte significativa dos docentes. A pandemia,

por si, já trouxe incertezas. Os profissionais não tiveram tempo para realizar o planejamento das aulas para o novo formato; encontraram dúvidas quanto à adequação do conteúdo e elaboração de material didático; além disso, muitos não possuíam as habilidades necessárias para o uso de ambientes virtuais de aprendizagem, tampouco tinham intimidade com as TICs, necessitando, portanto, de capacitação.

2.3 A EVASÃO E RETENÇÃO NO ENSINO PÚBLICO SUPERIOR BRASILEIRO EM TEMPOS DE PANDEMIA.

A evasão é um fenômeno complexo, multifacetado e causado por diversos fatores. Alguns autores que estudam a temática divergem um pouco com relação à definição do termo. Como exemplo disso pode-se citar Palharini (2010), que define a evasão como a saída definitiva do aluno do curso de origem sem concluí-lo, o que se dá por meio da não matrícula e abandono do curso, por parte do aluno; quando o aluno comunica sua desistência oficialmente; quando se transfere para outro curso da instituição; quando o aluno é excluído pelas normas e regras institucionais; e ainda, quando se transfere para o mesmo curso em outra instituição.

Já para Ristoff, o termo evasão só pode ser assim caracterizado quando há abandono dos estudos. Para esse teórico, quando um estudante apenas migra de um curso para outro sem sair do sistema educacional, ocorre uma mobilidade e não a evasão. Assim, ao debater o fenômeno da evasão muitos elementos são importantes e devem ser levados em conta, como por exemplo, qual o tipo de evasão está sob análise? Pode ser uma evasão de curso, da instituição ou do sistema de ensino superior.

Ristoff, 2013, realizou algumas inquirições a respeito do resultado do Censo acima mencionado. Segundo esses dados entre 2010 e 2015, apesar de mais estudantes adentrarem o ambiente universitário anualmente, verifica-se que há uma dissonância histórica entre o acesso e a conclusão.

Enfim, atualmente vivencia-se uma estabilização da pandemia, no entanto, não significa o seu fim. Com a retomada das atividades de forma presencial nas Universidades, torna-se imprescindível de que haja um momento de avaliação institucional no intuito de rever processos até então experienciados, assim como saldos positivos e negativos e propor ações que visem a continuidade da oferta de um ensino público superior gratuito e de qualidade. Durante a pandemia as universidades mostraram seu potencial, através das pesquisas realizadas, da fabricação de vacinas no combate à disseminação do vírus, mas também transpareceram suas vulnerabilidades e dificuldades, seja no financiamento, na autonomia e na democracia, que já estavam presentes no período anterior a pandemia, e são instrumentos imprescindíveis para se pensar o futuro sustentável da nação.

3. METODOLOGIA

Este estudo define-se com um estudo de caso, de caráter descritivo tendo em vista a investigação dos efeitos de um fenômeno social como as Experiências do Ensino Remoto na Universidade Federal do Pampa e suas dimensões através de experiências reais, focado em uma unidade individual, analisando as particularidades e complexidade do caso. Quanto a sua abordagem, pesquisa é qualitativa. Para garantir a confiabilidade e a validade dos achados da pesquisa com a aplicação do método do estudo de caso, utilizou-se a triangulação de

informações, dados e evidências. Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos estrategicamente e de forma intencional levando em conta a proximidade e experiência destes atores com o fenômeno em análise, sendo; estudantes dos cursos de Administração, Ciências Econômicas e Gestão Pública que estivessem cursando entre o quinto e oitavo semestre, coordenadores/docentes dos respectivos cursos acima mencionados, membro responsável pelo Núcleo de Desenvolvimento Educacional (NuDe) e o diretor do campus Unipampa, Santana do Livramento. No quadro abaixo, apresenta-se um resumo com a configuração metodológica desta pesquisa.

Objetivo Geral:		
Analisar quais as experiências e desafios vivenciados pela Universidade Federal do Pampa – Unipampa no que tange ao Ensino Remoto Emergencial em tempos de Pandemia da COVID-19.		
Objetivos Específicos:		
<ul style="list-style-type: none"> ● Elucidar a compreensão entre os conceitos de Ensino a Distância, Ensino Remoto Emergencial e Ensino Híbrido e suas práticas na Unipampa – Campus Santana do Livramento; ● Elencar os desafios impostos à Unipampa – Campus Santana do Livramento em tempos de pandemia e na retomada da presencialidade. (Aluguel, viagem da cidade de origem...) ● Apresentar indicadores de Evasão e retenção de discentes nos cursos superiores presenciais de Administração, Ciências Econômicas e Gestão Pública do Campus Santana do Livramento no período de pandemia por Covid-19. 		
Unidade de Análise		
Universidade Federal do Pampa, Campus Sant'Ana do Livramento		
Coleta de Dados:		
<ul style="list-style-type: none"> ● Entrevistas semiestruturadas ● Observação Participante ● Análise Documental 		
Análise de dados: Análise de Conteúdo		
As diferenças entre o Ensino a Distância, Ensino Remoto Emergencial e ensino Híbrido.	Os desafios impostos à Unipampa – Campus Santana do Livramento em tempos de pandemia e na retomada da presencialidade.	Evasão e Retenção nos cursos de Administração, Ciências Econômicas e Gestão Pública.

4. RESULTADOS

4.1 As diferenças entre o Ensino a Distância, Ensino Remoto Emergencial e Ensino Híbrido.

Com o intuito de sanar esse fenômeno até então nunca experienciado, em pesquisa de campo, na Universidade Federal do Pampa, questionou-se aos alunos, o que eles entendiam sobre Ensino Remoto Emergencial. De forma geral, através dos relatos pode-se inferir de que o há o entendimento de que o Ensino Remoto Emergencial não é Ensino a Distância e que foi estabelecido apenas para manter os vínculos intelectuais e emocionais entre discentes e docentes enquanto não fosse possível a retomada das atividades presenciais, mas que poderia ter as metodologias aplicadas no EaD e não apenas uma adaptação do Ensino presencial utilizando-se de meios tecnológicos para a interação.

Em consonância, Moreira e Schlmemer (apud LUCAS et al., 2020, p. 03), dizem que o ensino remoto ou aula remota pressupõe o distanciamento geográfico de professores e estudantes em função das restrições impostas pela Covid-19 e acrescentam que:

Nessa modalidade, o ensino presencial físico (os mesmos cursos, currículo, metodologias e práticas pedagógicas) é transposto para os meios digitais em rede. O processo é centrado no conteúdo, que é ministrado pelo mesmo professor da aula presencial física. Embora haja um distanciamento geográfico, privilegia-se um compartilhamento de um mesmo tempo, ou seja, a aula ocorre num tempo síncrono, seguindo os princípios da aula presencial. A comunicação é predominantemente bidirecional, do tipo um para muitos, no qual o professor protagoniza vídeo-aula ou realiza uma aula expositiva por meio de sistemas de webconferência.

Ou seja, justamente pelo caráter de urgência em que foi imposto, a organização, a sistematização e o planejamento prévios não são características desse modelo de ensino. Outro fator mencionado foi com relação a acessibilidade dos discentes e dificuldades em acompanhar o ERE já que as aulas ocorriam em tempo real mas além disso haviam atividades e leituras para serem realizadas na plataforma digital.

Nós tínhamos as aulas normais e depois tínhamos inúmeros arquivos postados na plataforma para leitura, afinal de contas, estávamos em casa né! As aulas eram extensas e às vezes caía a conexão, não conseguia acompanhar tudo.

Apesar de a primeira impressão com relação ao Ensino Remoto ter sido negativa para a maioria dos alunos, muitos afirmam que os processos foram melhorando a medida em que o tempo foi passando e muitas adaptações acabaram sendo realizadas tornando o ERE muito próximo do EaD. As afirmações acabaram sendo confirmadas quando relatadas por docentes. No atual momento, há uma estabilidade da pandemia e as aulas presenciais foram retomadas no final do mês de Abril. Porém, eventualmente, algumas aulas são realizadas online, tendo em vista algum afastamento por contágio e algum outro fator adverso. A condução do ensino configura um novo cenário e mais uma vez percebe-se características similares com outra modalidade de ensino, o modelo Híbrido.

Pode-se dizer que essas mudanças, de alguma forma já são resultados das experiências vivenciadas com o ERE e certamente tornam as práticas pedagógicas mais diversificadas e interessantes.

4.2 O acesso tecnológico e o processo ensino-aprendizagem.

A popularização da internet, a globalização, o surgimento e aprimoramento constante de novas tecnologias impulsionam as transformações na sociedade no que tange ao modo de pensar, agir e na própria organização social e interação entre os indivíduos. Com o advento da pandemia essa evolução e a necessidade de se adaptar às ferramentas digitais ganhou força.

Nesse contexto, a Educação também tem mudado para acompanhar e se adequar às novas realidades. Sabe-se que o Brasil é um país heterogêneo e desigual, enquanto uns têm amplo acesso aos dispositivos eletrônicos disponíveis no mercado e gozam de suas vantagens outros, encontram-se limitados ou até mesmo sem a mínima oportunidade de acesso, o que pode ser considerado fruto, principalmente da desigualdade econômica, social e, da infraestrutura de telecomunicações que ainda são insuficientes em cidades do interior. Contudo, repensar o papel do sistema educacional e das instituições de ensino é uma tarefa extremamente difícil e complexa, porém necessária.

Martins (2019, p. 2) apud BRANCO e IWASSE, declara que “investem-se grandes recursos para desenvolver novas e sofisticadas tecnologias que servem ao conforto de uns poucos, enquanto outros não conseguem satisfazer suas necessidades básicas”. E tal afirmação foi provada na prática da continuidade das atividades educacionais com o Ensino Remoto Emergencial. Especialmente, na Unipampa, muitos alunos trancaram suas matrículas durante a vigência do ERE, por diversos motivos, dificuldades de acesso, resistência, desconhecimento do uso das ferramentas digitais, problemas de saúde, familiares, psicológicos, sobrecarga de trabalho entre outros, mas outra parcela de estudantes encontrou diante do cenário uma oportunidade de avançar, de dar “um gás”, seja porque havia a possibilidade de realizar as aulas a partir de suas casas, seja porque tinham mais tempo disponível, ou até mesmo porque consideraram o ERE mais acessível e conciliador em relação a outras responsabilidades pessoais e profissionais. Realidades distintas que provocam verdadeiros desencontros.

Para o aluno entrevistado, o Ensino Remoto Emergencial permitiu ganhos significativos no processo ensino-aprendizagem. A estudante afirma que a Universidade oportunizou, através do ERE experiências e trocas de conhecimento que talvez, seria mais difícil de acontecer de forma presencial, por diversos fatores como a dificuldade na agenda de palestrantes, o custo, ou até mesmo pela distância em que Santana do Livramento se encontra dos grandes centros.

Durante o Ensino Remoto, tivemos palestras com pessoas de fora, pessoas importantes, que desempenham suas funções com excelência no serviço público. Tivemos aula com o auditor do Tribunal de Contas da União, o cara direto de

Brasília, da casa dele, no seu horário de folga conseguiu compartilhar momentos valiosos conosco, de troca de saberes, com dados, tabelas, gráficos. Muito difícil trazer uma pessoa de Brasília para Livramento e com o Ensino Remoto a gente conseguiu.

Já para os docentes os desafios também foram impostos, não referente à falta de acesso tecnológico, mas de conhecimento na forma de usá-los. Cavalcanti e Guerra, 2022, no estudo intitulado, Os desafios da Universidade Pública pós-pandemia da Covid-19: o caso brasileiro, afirmam:

“Sabe-se que o Ensino remoto é mais desafiador para o docente, inclusive, porque nessa modalidade não é possível replicar os horários do Ensino presencial. A dinâmica de aprendizado é mais complexa, e tal novidade causa, primeiro, resistência, e, em seguida, negação, porque, o que ocorre é que os docentes, em sua maioria, têm pouca intimidade com as TICs, necessitando, portanto, de capacitação.”

Segundo Castioni et al, 2021, do ponto de vista da instituição, a garantia de acesso à internet e aos equipamentos necessários aos técnicos e docentes, bem como a formação docente e discente; questões de criação, suporte e manutenção de ambientes virtuais, a gestão do conhecimento, do monitoramento e da avaliação das ações de ensino-aprendizagem; a criação de informações novas sobre os novos processos; o gerenciamento das questões jurídico-administrativas que possibilitassem e legitimassem o uso do ERE; tornaram-se questões essenciais para a sobrevivência institucional.

Nesse sentido, percebe-se, levando em conta as entrevistas com os professores e a observação participante, que tanto a Universidade quanto o corpo docente da unidade estudada, não mediram esforços para adequarem-se às novas formas de ensinar propostas. A Unipampa ofertou cursos, capacitações, seminários e disponibilizou ferramentas que facilitassem a interação entre docentes e discentes. Os professores, por sua vez, como uma forma de investimento e preparação adquiriram novos equipamentos como câmeras, luzes, suportes, memórias, mesas, cadeiras, computadores que comportassem tamanhas demandas que o ERE exigia. Atualmente, passado todo o sufoco inicial resta o aprendizado e certamente, a adoção permanente de algumas ferramentas tecnológicas no dia a dia e no processo de ensino-aprendizagem dentro da sala de aula.

4.2 A experiência com o Ensino Remoto Emergencial na Universidade Federal do Pampa, campus Santana do Livramento.

Diante da experiência inédita com o Ensino Remoto implantado emergencialmente durante a pandemia de Covid-19, o presente tópico faz uma análise sob a perspectiva dos discentes, docentes e membros de gestão da Universidade Federal do Pampa com relação ao assunto. Sabe-se a adoção do ERE levou a informatização do ensino, a novas maneiras de aprendizado e avaliação. No entanto, em uma parcela de estudantes, são perceptíveis as barreiras entre o acesso à educação. Frente ao exposto, questionamentos a respeito da efetividade do ensino são inevitáveis.

Presume-se que, apesar de a grande maioria dos envolvidos concordarem que foi acertada a adoção das aulas remotas como forma imediata de dar continuidade as atividades de ensino, boa parte avaliou a experiência como negativa.

“foi horrível, no começo eu estava bem perdida, não estava conseguindo entender nada, uma enxurrada de conteúdo postado pelos professores, pensei em desistir, mas

daí eles perceberam que não estava fácil para ninguém e deram uma flexibilizada, agora que estávamos adaptados, voltou o presencial, um choque de realidade”.

Frente aos diálogos realizados, percebe-se o reconhecimento dos alunos aos professores, no diz respeito ao empenho, dedicação e esforço realizados para a oferta das aulas de forma remota. No entanto, os próprios professores relataram que não foi tarefa fácil.

“o ensino remoto foi tenso, além de adquirir novos equipamentos, tive que me qualificar para este tipo de ensino, o que demandou muito tempo e estudo, e infelizmente sinto que não consegui transmitir o conhecimento da mesma forma que no presencial, não foi efetivo. Faltou a troca da sala de aula, os alunos não interagem, ficavam com suas câmeras fechadas o tempo todo, sem contar que determinadas disciplinas, por mais que eu me esforçasse, sentia que não estava tendo avanços. O Ensino Remoto deixou uma lacuna na aprendizagem dos alunos”.

Conforme o relato de professores, o Ensino Remoto significou uma solidão tecnológica, pois além da falta de interação com os alunos que deixavam as câmeras fechadas na maior parte do tempo das aulas, o docente relata que processo de ensino-aprendizagem se dá dentro da sala de aula, na troca entre professores e alunos.

Não posso dizer que foi um processo tranquilo porque demandou muito esforço, eu me virei, procurei cursos, reciclei, pedi auxílio para alguns colegas professores que já tinham experiência com o EAD, preparava todo material na Universidade, seguindo todos os protocolos exigidos mas no campus pois em casa também ficava difícil, sendo que a esposa também é professora e estando no lar sempre tinha de dar atenção para alguém da família.

Ao realizar uma analogia entre a experiência vivenciada e relatada e o que a teoria aborda sobre o assunto, presume-se que a tentativa de fazer “ensino” através dos meios digitais demanda muito esforço, pois para que exista uma troca de conhecimento é preciso a presença (seja física ou virtual) de ambas as partes, o que por muitas vezes não se efetivou no Ensino Remoto.

Partindo-se da premissa de que para o desenvolvimento e andamento do ERE, considera-se o acesso à internet de todos os envolvidos no processo educacional como elemento principal, entre outras variáveis intrínsecas, ao deparar-se com a realidade, identificaram-se muitas dificuldades referentes a esse contexto. Se o aluno não tem internet ou equipamento adequado para acessar a aula, todo o esforço dos gestores e dos professores será invalidado. Nas aulas remotas, muitos professores se depararam com alunos que não abriam a câmera e não habilitavam o microfone. Aliás, os professores afirmam que é uma experiência negativa dar aula para estudantes que ficam calados, com câmera e microfone desligados. Fato este que ocorreu em virtude de diversos fatores, sendo: conexão ruim, ambiente inadequado, ruídos constantes, timidez entre tantos outros.

Com o intuito de garantir a inclusão digital dos alunos, a universidade através de um programa social, disponibilizou alguns aparelhos celulares e chips com internet móvel 3G aos estudantes que comprovassem insuficiência econômica.

Segundo Castioni et al, 2021, do ponto de vista da instituição, a garantia de acesso à internet e aos equipamentos necessários aos técnicos e docentes, bem como a formação docente e discente; questões de criação, suporte e manutenção de ambientes virtuais, a gestão

do conhecimento, do monitoramento e da avaliação das ações de ensino-aprendizagem; a criação de informações novas sobre os novos processos; o gerenciamento das questões jurídico-administrativas que possibilitem e legitimem o uso do ERE; tornaram-se questões essenciais para a sobrevivência institucional.

Para o Diretor do Campus, sob uma perspectiva de gestão, o Ensino Remoto representa uma experiência desafiadora, de muito trabalho diário e grandes adaptações dos processos administrativos.

Um fator positivo do Ensino Remoto, é com relação a celeridade de alguns processos administrativos. Se não fosse a pandemia, talvez, muitos de nossos programas, instrumentos não tivessem sido desenvolvidos com tanta rapidez a nível de Governo Federal e a nível de Unipampa. Como fator negativo percebo uma certa desmobilização e engajamento de parte dos servidores com relação a presencialidade no campus. Hoje, há a percepção de que algumas funções poderiam ser desempenhadas não necessariamente de forma presencial, muitos podendo ser adaptados para o remoto. Embora entenda, enquanto servidor público e gestor que a Universidade vive e renova-se com a troca de experiência presenciais entre servidores e alunos.

Em síntese, percebe-se que todos os envolvidos com a experiência do Ensino Remoto Emergencial, tiveram algum tipo dificuldade, torna-se difícil de mensurar para quem o desafio se tornou maior, mas o fato é que foi um momento de uma verdadeira transformação de um modelo de ensino que era essencialmente presencial e passou a ser totalmente remota, seja através de forma síncrona ou assíncrona. Houve uma modificação de metodologia, desde as atividades presenciais dos professores em sala de aula até mesmo a realização das provas, passando a ser à distância. Todas essas mudanças, certamente trouxeram alguns prejuízos, sendo que uma parcela de alunos teve de abandonar seus estudos, seja por falta de compatibilidade de horário, seja pelo aumento de atividades que o ERE demandou. Também pela dificuldade de aquisição de computadores, notebooks, celulares, tablets para o acompanhamento de forma adequada. A falta de recursos para acesso a uma internet boa, de dados adequados. Causou grande impacto entre os alunos também, a mudança de ambiente do aprendizado, foram obrigados a dar continuidade as atividades acadêmicas a partir de suas residências, e que muitas vezes não eram locais propícios para esta prática, espaços pequenos, tumultuados, compartilhados com outras pessoas, e que tornaram mais dificultosa a absorção do aprendizado. Reforça-se a mudança de metodologia, como um fator gerador de impactos nesse processo, e que pode ser visto tanto de forma negativa quanto positiva. De alguma maneira, o Ensino Remoto forçou os alunos a fazerem o uso de metodologias ativas, tendo que buscar o conhecimento e não só recebê-lo como estavam acostumados no formato tradicional. Trata-se de transformações que primeiramente foram impostas, mas que agora, poderão ser adotadas nas relações de ensino-aprendizagem.

A partir dos resultados encontrados na pesquisa referente os aspectos positivos e negativos da experiência com o Ensino Remoto no Campus Santana do Livramento, será apresentado a seguir o quadro que sintetiza algumas características percebidas.

Quadro 10- Características do Ensino Remoto Emergencial

Aspectos Positivos do ERE	Aspectos Negativos do ERE
✓ Possibilidade de assistir as aulas em vários locais.	✓ Pouca participação e interação dos estudantes.
✓ Aulas gravadas, links e arquivos que permitem o	✓ Falta de equipamentos, softwares e internet de boa qualidade.

<p>estudante rever.</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Redução e otimização de materiais. (Substituição do impresso pelo digital). ✓ Redução de custos por não precisar deslocar-se. ✓ Interação com profissionais de diversas partes do mundo. ✓ Celeridade em processos administrativos. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Exclusão social. ✓ Aumento de conteúdos depositados para os alunos. ✓ Aumento da demanda de trabalho para os servidores. ✓ Evasão. ✓ Dificuldade de aprendizagem. ✓ Invasão na vida pessoal através dos meios de comunicação digital.
--	--

Fonte: Elaborado pela autora a partir da pesquisa.

Por outro lado, outro cenário também se configura, e contribui para as taxas de evasão de curso. com a experiência do Ensino Remoto, muito alunos acabaram se adaptando e demonstram desmotivação com relação ao retorno no modelo presencial, e que provavelmente migrem para cursos EAD nos próximos semestres.

4.3 Os desafios e (des)encontros em tempos de pandemia e na retomada da presencialidade na Universidade Federal do Pampa, Campus Santana do Livramento.

Muitos esforços têm sido realizados com o intuito de mitigar os efeitos causados pelo tempo em foi preciso realizar adaptações no Ensino durante a pandemia e recentemente, de volta à presencialidade. O Ensino Remoto provocou grandes transformações que evidenciaram desigualdades que até então, pareciam camufladas pelo acesso ao ensino de forma presencial nas salas de aula. Alguns aspectos se tornaram ainda mais visíveis, como a desigualdade social, tecnológica e econômica. Na educação, a perda da interação presencial e direta entre alunos e professores ressignificou a consciência social tão importante no ambiente educacional.

Através desta pesquisa, evidenciou-se que o acesso às ferramentas digitais ocorre de forma heterogênea. Manter os vínculos educacionais através do ensino remoto tornou-se um desafio e reforçou a ideia dos usos das mídias na educação, como um potencializador da exclusão.

Gusso et al, 2020, p.4, apud Nunes, em pesquisa durante a pandemia, já citavam alguns problemas advindos da forma como foi conduzido ensino durante a crise sanitária, sendo eles; a falta de suporte psicológico a professores; a baixa qualidade no ensino (resultante da falta de planejamento de atividades em “meios digitais”); a sobrecarga de trabalho atribuído aos professores; o descontentamento dos estudantes; e o acesso limitado (ou inexistente) dos estudantes às tecnologias necessárias. Situações essas, que se confirmaram durante a experiência e hoje, são sentidos seus reflexos.

Durante entrevistas para este estudo pôde-se verificar que a grande maioria dos alunos demonstrou insatisfação com relação ao ensino remoto. Os professores também mostraram-se descontentes com a experiência, relataram dificuldades na maior parte do tempo e a necessidade de reinventar-se.

Em poucas palavras posso dizer que a experiência com o ensino remoto foi traumática, primeiramente pela indefinição que causou muita insegurança em todos, por conta disso, aumentou consideravelmente a demanda de trabalho, para os coordenadores de curso sobrecarregou demais, a gente trabalhava das 8h da manhã às 23hs direto, muitas dúvidas dos alunos, pedido de orientações, dificuldade de comunicação com a secretaria acadêmica, campus fechado etc. Outro fator que atrapalhou foi a falta de organização dos processos para funcionar de forma remota. Além disso, antes de começarem as aulas de forma remota, em meados de setembro

de 2020, os professores passaram por um período de capacitação com um grande volume de informações a respeito do uso das TICs, no início foi legal mas depois de um tempo começou a ficar cansativo, porque estávamos munidos de novidades mas as aulas ainda continuavam suspensas. Também senti uma perda no rendimento dos alunos nesse período, já com relação ao número de alunos aumentou no ER, percebi que muitos aproveitaram para adiantar disciplinas. Agora, no final do primeiro semestre de 2022, constata-se um grande número de reprovações devido as dificuldades sentidas no retorno as atividades de forma presencial.

Além das dificuldades acima citadas, os docentes também relataram um grande número de desistência de alunos neste ano, o sentimento de apatia, entrega de provas em branco, ataques de pânico, que não era comum acontecer. Quando questionados, os alunos responderam que estão passando por um momento de crise de saúde mental. Percebe-se a existência de uma parcela de alunos passando por necessidades básicas e até mesmo fisiológicas que precisam ser sanadas antes da sala de aula. Soma-se ao contexto, problemas psicológicos e de aprendizagem.

O Núcleo de Desenvolvimento Educacional afirma existe uma grande demanda de alunos santanenses que necessitam de auxílio, assim como também de estudantes oriundos de outras cidades, etnias e até mesmo de outros países. Relata a luta diária para a manutenção da casa do estudante e também as dificuldades enfrentadas pelos jovens no inverno rigoroso da fronteira. No entanto, confessa que embora exista um acompanhamento e esforço por parte da equipe, são processos burocráticos, que requerem muitos documentos comprobatórios e que muitas vezes, por desconhecimento e dificuldades de cadastramento, estudantes que precisam acabam ficando desassistidos.

Pode-se inferir que os desafios encontrados sejam também um reflexo do momento de crise econômica na qual o país vivencia e a Universidade Pública sente seus efeitos através da vulnerabilidade de seus estudantes.

Ao retomar todos os impasses com relação ao ensino remoto emergencial e seus efeitos percebidos através desta pesquisa resgata-se a importância de políticas públicas que atendam no mínimo as demandas citadas, seja na promoção de saúde mental pós-pandemia, na assistência social, ou na criação de projetos que auxiliem os estudantes na retomada aos estudos, tendo em vista as lacunas de aprendizagem constatadas e venham a prejudicar o seguimento destes alunos em seus cursos.

Para sintetizar as impressões dos entrevistados neste estudo acerca do ensino remoto emergencial, apresenta-se a seguir uma figura contendo uma nuvem de palavras mais utilizadas entre os sujeitos da pesquisa.

Nuvem de palavras mais utilizadas a respeito do Ensino Remoto Emergencial.



4.4 A evasão e Retenção nos cursos de Administração, Ciências Econômicas e Gestão Pública.

Um ponto relevante chamou a atenção na pandemia foi a evasão no ensino superior. Muitos fatores têm contribuído para construção deste cenário preocupante e não há fórmulas prontas para reverter o quadro de evasão, tendo em vista que sempre existiu, mas ações estratégicas devem ser pensadas e direcionadas a fim de garantir a oferta, continuidade e qualidade do ensino no país.

Na contramão da presente afirmação, encontram-se dados do Censo da Educação Superior, 2020, assim como também os gráficos da Prograd já apresentados no tópico 4.1 que apontam um crescente número de matriculados e ingressantes, no entanto, chama a atenção, o aumento de evadidos durante o período pandêmico e o baixo número de formados.

Os achados desta pesquisa vão ao encontro do que Ristoff, 2013, diz a respeito do resultado do Censo de Educação Superior. Segundo o autor, os dados entre 2010 e 2015, revelam que apesar de mais estudantes adentrarem o ambiente universitário anualmente, verifica-se que há uma dissonância histórica entre o acesso e a conclusão. E fala ainda que:

O pleno significado desses dados só será conhecido se estudos mais aprofundados forem realizados, especialmente em relação às distintas áreas do conhecimento, à valorização social e econômica das várias profissões, à mobilidade dos indivíduos nas diferentes regiões e, especialmente, às políticas de democratização do acesso e da permanência de estudantes no campus e de inclusão das classes historicamente excluídas da educação superior. De todo modo, a constatação a partir dos dados gerais, nacionais e regionais, parece inequívoca: a educação superior brasileira não leva até a formatura mais da metade dos estudantes que ingressam nos cursos de graduação (RISTOFF, 2013, p. 41).

Especialmente, com relação ao fator localização, o diretor do campus de Santana do Livramento, após algumas análises de conjuntura atual, desde o final de 2021, quando foi aprovado o retorno à presencialidade, afirma que a questão geográfica do Campus Santana do Livramento, pesa muito em termos econômicos, distante e fora dos grandes centros requer um investimento por parte das famílias dos estudantes, por exemplo, alunos que não são beneficiários de auxílios da Universidade, como auxílio permanência que garante a moradia, alimentação ou transporte precisam alugar um apartamento ou kitnet, custear a própria alimentação, e hoje verifica-se a oferta de muitos cursos particulares ou à distância, que mesmo sendo pagos, suas mensalidades representam um custo menor do que vinda desse estudante para a fronteira. Então, muitas vezes as famílias optam por investirem em locais mais próximos do lar do que se deslocar para campi mais periféricos.

Contudo, segundo relatórios de gestão, mesmo com o advento da pandemia Unipampa manteve o número de alunos no campus, sendo de 1.395 alunos matriculados no ano de 2021 e 1.407 alunos no corrente ano. O campus de Santana do Livramento tem como característica os cursos de Administração, Ciências Econômicas, Gestão Pública, Direito, Relações Internacionais e pode ser considerado um campus grande em termos de números de alunos. Muitos deles, principalmente do curso de Ciências Econômicas, são oriundos de outras cidades, sendo a maioria de São Paulo conforme relatório do NuDe. Com o advento da pandemia outros fatores também influenciaram para o crescimento do número de alunos evadidos. Com cinco cursos, dos 10 campus, a Unipampa, Livramento é o terceiro com o maior número de alunos, ficando atrás apenas para Alegrete que tem sete cursos de graduação e Uruguaiana que conta com 12 graduações na área da saúde e tem 2.000 alunos.

Seguramente, a pandemia trouxe reflexos no que refere ao engajamento dos alunos, o que se pode observar até o presente momento, é uma mobilidade, discentes migrando de cursos, de semestres, trancando ou não realizando a matrícula, mas ainda não há dados que comprovem de fato, a desistência ou abandono do curso em grande massa como fator consequência do período pandêmico.

5. CONCLUSÃO

As experiências vivenciadas e apresentadas neste trabalho demonstram que o Ensino Remoto Emergencial causou significativos impactos, desde o seu início abrupto, em meio à pandemia de Covid-19, até o atual momento em que a sociedade começa a voltar gradativamente as suas rotinas interrompidas por quase dois anos. Opiniões são divididas enquanto às perspectivas experimentadas, no entanto, percebe-se durante todo o processo uma união de esforços que buscou o bem comum; a continuidade do processo de ensino aprendizagem dos alunos por meio das aulas remotas. Observa-se também que todo o empenho realizado foi reconhecido pelas partes envolvidas, apesar das limitações existentes no momento. Pode-se considerar que a experiência com o ensino remoto emergencial na educação superior pública provocou grandes transformações e evidenciaram contrastes que até então, estavam ocultos nas cadeiras das salas de aula das Universidades. Alguns aspectos excludentes se tornaram ainda mais visíveis, como a desigualdade social, tecnológica e econômica. É válida a reflexão de que o ensino nunca mais voltará a ser o que era antes, mas pode ser ainda melhor. Práticas, que inicialmente foram adotadas temporariamente com o intuito de sanar uma necessidade, agora ocupam um lugar permanente. Ou seja, o tradicional deu espaço ao excepcional. O avanço da tecnologia que há algumas décadas já vinha em ritmo crescente, acelerou com o advento da pandemia e a necessidade de prosseguimento das interações e comunicações através dos meios digitais. Não há mais como retornar. Embora sejam grandes as desigualdades presentes em nossa sociedade, o ensino remoto abre precedentes para novas formas de aprender e reaprender e para descobrir um mundo de oportunidades e a amplitude que tem a educação. Os professores vivenciaram novas formas de ensinar, novas ferramentas de avaliação e os estudantes estão podendo vivenciar novas formas de aprender e entender que precisam de organização, dedicação e planejamento para aprender no mundo digital. Enquanto observação participante, a pesquisadora deste estudo também vivenciou os desafios mencionados, e destaca que fazer ensino de forma distante é uma tarefa árdua, que demanda muito esforço e uma capacidade de resiliência. O homem é um ser social e para tanto precisa conviver em sociedade. As experiências relatadas exemplificam os efeitos do tempo de isolamento nos indivíduos. Apesar do ERE ter como premissa promover o ensino e aprendizagem a distância, percebe-se impactos negativos na saúde mental dos universitários. Presencia-se atualmente, deficiências na retomada à normalidade. No meio acadêmico, relatos de crises de ansiedade, estresse, bloqueios, sentimento de solidão, dificuldades de aprendizagem, baixo rendimento apenas refletem o estado de saúde mental em que todos se encontram. Outro aspecto relevante envolve o impacto emocional e financeiro da desaceleração econômica repentina nas famílias, barreiras para continuidade de projetos de vida definidos antes da pandemia e que agora precisam ser interrompidos. Os resultados não apontam para a modalidade de ERE como causa isolada de prejuízos ao bem estar dos estudantes. Pelo contrário, identifica que fatores de vulnerabilidade e proteção de ordem pessoal e macrosocial podem influenciar de forma importante na experiência dos universitários e impactar de maneira diversa em sua qualidade de vida. De todo modo, os achados visam trazer à luz da sociedade e da instituição pública de ensino a realidade e induzir a proposição de projetos e políticas públicas que fomentem a inclusão e o suporte psicopedagógicos como medidas de prevenção e redução de agravos, bem como

desenvolver um espaço de acolhimento e escuta entre docentes e discentes que vise melhorias e feedbacks com relação ao planejamento das estratégias de ensino.

REFERÊNCIAS

- CASTION, Remi. MELO, Adriana Almeida Sales; NASCIMENTO, Paulo Meyer; RAMOS, Daniela Lima (in memorian). **Universidades federais na pandemia da Covid-19: acesso discente à internet e ensino remoto emergencial**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.29, n.111, p. 399-419, abr./jun. 2021.
- CAVALCANTI, Lurdes M. Rodrigues. GUERRA, Maria das Graças Gonçalves Vieira. **Os desafios da universidade pública pós-pandemia da Covid-19: o caso brasileiro**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.30, n.114, p. 73-93, jan./mar. 2022.
- COSTA, Antonia E. Rodrigues. NASCIMENTO, Antonio W. Rodrigues do. **Os desafios do ensino remoto em tempos de pandemia no Brasil**. CONEDU, VII Congresso Nacional de Educação. Educação como (re)existência: mudanças, conscientização e conhecimentos. Out/2020. Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso. Maceio/AL.
- COSTA, K. A. S. da. **EaD, ensino Híbrido e Ensino Remoto Emergencial: perspectivas metodológicas**. Paraná, 2020.
- DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2ed. Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.
- DURHAN, Eunice R. SCHWARTZMAN, Simon. **Avaliação do Ensino Superior**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1992. Coleção Base, v.2.
- EZCURRA, Ana María. **Masificación y enseñanza superior: una inclusión excluyente. Algunas hipótesis y conceptos clave**. In: FERNÁNDEZ LAMARRA, Norberto; PAULA, Maria de Fátima Costa de (Orgs.). La democratización de la educación superior en América Latina. Límites y posibilidades. Saenz Peña: EDUNTREF, 2011. p. 60-72.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 7.ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2019.
- GUSSO, Hélder Lima, et.al. **Ensino Superior em Tempos de Pandemia**. Educ. Soc, Campinas, v.41, e238957, 2020.
- HODGES, C. et al. **The difference between emergency remote teaching and online learning**. **EDUCAUSE Review**. 27 mar. 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>, 2020. Acesso em: 13 dez. 2020.

LEAL, E. A. et al. Utilização da Análise Fatorial para Identificação dos Fatores Determinantes da Aceitação do Uso de Tecnologias de Informação na Educação a Distância. XXXV Encontro da Anpad: EnANPAD, Rio de Janeiro, set. 2011.